DEPOIMENTO DE ANTÔNIO RIBEIRO ROMANELLI À COMISSÃO DA VERDADE EM MINAS GERAIS, 17 DE DEZEMBRO DE 2014.

INTELOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Hoje é...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: 17.

INTELOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: 17 de dezembro.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: De dezembro.

INTELOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: De 2014, estamos aqui na sede da comissão da verdade na agência geral do estado, onde iniciamos o processo de oitivas dos membros da comissão da verdade. Hoje nós vamos conversar com Doutor Romaneli que ele vai declarar sua experiência, sua trajetória de infância de resistência né, então Doutor Romanelli, o senhor podia começar com o seu nome né, nome completo para o registro, ok?

ANTÔNIO: Pois não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E agora são 13h43min.

ANTÔNIO: Meu nome é Antônio Ribeiro Romanelli, sou (trecho incompreensível) do parque jurássico porque eu nasci em 1928, em alguns dias mais eu completo 87 anos de idade e felizmente tenho preservado um pouco a minha memoria de minha vida que foi bastante movimentada. Se á uma coisa que eu posso dizer da minha vida é que eu não tive muito período de paradeiro, eu sempre estava metido em alguma coisa, alguma luta né. Bom, eu poderia começando a dizer que me formei em direito na faculdade de direito, perdão, na Universidade Federal de Minas Gerais, faculdade de direito que era nessa época em 1953 a única que existia no estado de Minas Gerais, não existia outra como hoje, por exemplo, quando você olha em Belo Horizonte existe um punhado delas. E logo que eu me formei, mesmo durante o período de estudo, eu comecei a tomar conhecimento, consciência, digamos assim,

da situação politica né e achei que havia necessidade de que a categoria de advogados tivesse um sindicato porque a OAB, a Ordem de Advogados do Brasil é uma instituição que, digamos, organiza e fiscaliza algum exercício, autoriza e fiscaliza o exercício da profissão de advogado, mas a defesa do advogado, a ordem fica um pouco presa porque a sua estrutura não permite, hoje um pouco mais a ordem obrigou essa parte, então eu resolvi propor com um grupo de amigos de quais eu posso me lembrar de pessoas importantíssimas que foram, por exemplo, Antônio de Oliveira Lins, o Zé de Mesquita Lara, o grande advogado dos trabalhadores da Mina de Morro velho que foi o Luís Carmelo de (trecho incompreensível), o Antônio Castanheira e vários outros, nós resolvemos fundar o sindicato dos advogados de Minas Gerais, foi fundado, conseguimos depois de alguma luta atrás da patente do Ministério do Trabalho e começamos a funcionar e houve assim, incidentes grave [*sic*], advogados vieram desrespeitar nas delegacias, advogados presos e o sindicato começou a funcionar.

INTELOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Que ano que era? Que ele começou a funcionar, o senhor lembra? Que ano que ele começou a funcionar.

ANTÔNIO: Eu formei com em 1953, ele começou a funcionar 56, eu inclusive me lembro que havia um problema de que a ordem dos advogados, alguns membros da ordem dos advogados se opunham a ideia do sindicato, então eu tive uma ideia. O presidente da ordem dos advogados da época era Milton Campos então o que eu fiz, o que nós fizemos, nós fizemos o seguinte, convidamos o presidente da Ordem dos Advogados para assistir a nossa posse e ele foi , a posse foi lá na Associação (trecho incompreensível) da Afonso Pena e inclusive o Presidente Milton Campos fez um discurso, ele que me deu, que foi assim convidado para me dar a posse e etc. E esse sindicato funcionou até 1964, fizemos uma carteira e era muito difícil porque tinha muita gente que não aceitava bem a ideia, achava que advogado, negocio de sindicato é para trabalhador não é para advogado e tal né, mas fomos para adiante, mas em 1964 uma das primeiras coisas que fizemos foi cassar a carta

patente, a carta de autorização para o sindicato. E esse sindicato, tentaram inclusive o Marcio Tiago foi eleito presidente para uma nova, para uma reedição do sindicato, a carta foi devolvida, mas o Marcio não conseguiu, que dizer, nós não conseguimos mais ganhar corpo no sindicato. Nesse meio tempo eu estava (trecho incompreensível) e meu escritório era no Edifício Acaiaca, 10º andar e hoje, por coincidência, eu fiquei sabendo no livro da Heloísa Starling que ao lado da minha sala é que se reunia o pessoal dos novos inconfidentes, no 10º andar do edifício e inclusive a minha sala foi planejada uma vez, conseguiram entrar na minha sala com a porta que era trancada e eles conseguiram destrancar e farejaram o escritório e tal, e eu ingenuamente dei parte na polícia, mas...

INTELOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não sabia ou autores na época.

ANTÔNIO: É. E aí começa a minha vida política, digamos, voltada para o campo.

INTELOCUTOR: Posso fazer uma pergunta para o senhor?

ANTÔNIO: Pois não?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 4: O senhor se lembra de algum desses novos considerados inconfidentes?

ANTÔNIO: Ah sim.

INTELOCUTOR: O nome deles?

ANTÔNIO: O Rui Lage que foi prefeito e hoje esta paralítico, o filho dele hoje é Presidente do Minas Tênis Clube, tinha o Mascarenhas que era da Fiação e Tecelagem Mascarenhas.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 5: Na cidade industrial?

ANTÔNIO: Tinha a Luiza Bovilar, bom eu posso até olhar depois né. Bom, mas voltando, uma tarde eu estava no meu escritório...

INTELOCUTOR NÃO IDENTICIFADO: O senhor lembra o ano?

ANTÔNIO: Foi em 61.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: 61?

ANÔNIO: 61. Eu estava no meu escritório quando o estagiário que trabalhava comigo, José de Freitas Picardi que por sinal foi membro do Partido Comunista durante muito tempo e ele inclusive teve que fugir porque ele foi acusado de ter sido o autor da morte de um Guarda Civil em uma manifestação que houve aqui de estudante, etc. Houve a repressão pela Guarda civil, naquela época era da Guarda Civil tinha (trecho incompreensível) e alguém atirou e acertou (trecho incompreensível) e o José de Freitas foi acusado. Mas voltando, foi ele que me avisou: “Olha tem duas pessoas aí que a gente verifica que são pessoas do interior, que parecem camponeses está querendo falar com o senhor e disse que foram indicadas [*sic*], que o senhor foi indicado a eles para um problema que eles têm por um membro do Partido Comunista, eles não sabem quem que foi. Aí eu os recebi e eles então começaram a contar a história deles que eles eram membro, de faziam parte integrante de 14 famílias que haviam começado a fazer uma comunidade nas margens do Rio São Francisco, a jusante da represa de Três Marias, logo de baixo da ponte que liga a estrada, a ponte da estrada que liga Belo Horizonte à Brasília, então ali a região é chamada Três Marias né, e eu fiquei dentro eles me contaram que (trecho incompreensível) era um Senhor Olinto, cujo apelido era Neném da Dédéca que era um latifundiário que tinha um terreno enorme ali que ia até Abaeté, uma fazenda, um latifúndio e ele dizia que essa parte que teria sido ocupado por essas 14 famílias era dele, que fazia parte do latifúndio e ele foi Abaeté e requerer uma reintegração de posse ao juiz de Abaeté e o juiz de Abaeté deu a posse e essas 14 família, incluindo várias crianças, etc. Foram despejadas.

INTELOCUTOR: Romanelli, você lembra o nome dos camponeses que te procurou na época [*sic*]?

ANTÔNIO: Foram dois, Randolfo, eu não me lembro o sobrenome dele, e Raimundo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Raimundo, aham.

ANTÔNIO: Também não me lembro, eu sei que o Randolfo morreu, o Raimundo eu nunca mais ouvi falar dele. Bom, aí eu me interessei pelo assunto e resolvi fazer pesquisa, em primeiro lugar foi buscar em Abaeté a copia da sentença e peguei a procuração deles e me dei por citado para que daí pudesse correr o prazo para recurso né, então eu fui estudar o caso deles e verifiquei uma coisa interessante que foi o seguinte, encontrei a lei naquela época vigente chamada Lei de Águas que considerava, que dividia os rios em navegáveis e não navegáveis, os rios navegáveis eles, a partir da última enchente e em linha horizontal né, reta, até 33 metros era considerado terreno de Varinha e aí eu me dei conta que eu achei o outro colombo e entrei exatamente com o recurso alegando isso que o terreno não podia pertencer ao Neném da Dédéca porque simplesmente era terreno de Varinha terreno da União e por tanto só a União poderia reclamar do terreno e não o Neném da Dédéca, ganhei no tribunal e aí o tribunal, a copia foi publicado e eu então encarregado de ir lá né, levando o oficial de justiça para fazer a reintegração de posse das 14 famílias, aí estava acompanhado pelo Lins, pelo Antônio de Oliveira Lins, pelo Beto, Beto esse que desapareceu, Carlos Alberto Freitas que foi desaparecido lá em (trecho incompreensível) em Petrópolis foi, tem até um livro sobre ele, sobre o desaparecimento dele.

INTELOCUTOR: Ele era advogado também?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não.

ANTÔNIO: Não. O Pedro Rocha, o autor do liberalismo eu já falei né?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aham.

ANTÔNIO: Ah, e por sinal, para mim muito interessante é o seguinte, é que entre nós estava Sacha Calmon Navarro Coelho que hoje...

INTELOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O Sacha Calmon?

ANTÔNIO: Sacha Calmon.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Advogado tributarista?

ANTÔNIO: Que tem posições quase que de extrema direita nos artigos que ele escreve no...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Estado de Minas.

ANTÔNIO: Estado de Minas (trecho incompreensível), essa turma me acompanhou nesse negocio e disseram que haveria represaria, ou seja, que haveria resistência por parte do latifundiário, aí eu fui procurar o então secretario de segurança publica, que no o Ribeiro Pena, expus o caso para ele, mostrei, consegui um mandato do tribunal de reintegração e o secretario então deu ordem para que se formasse um grupo de policiais civis para me dar cobertura para o comprimento daquele mandato de reintegração em virtude das possíveis noticias de que havia resistência. O delegado que ficou encarregado dessa missão chamava-se Diocélio Cabral e ele era aqui delegado em Nova Lima e ele foi com mais sete soldados, sete soldados não, sete investigadores da Polícia Civil, a Polícia Militar não estava nessa época, era Polícia Civil. Quando eu cheguei lá, quando chegamos lá nós verificamos que as famílias expostas havia se alojado á uns 3 quilômetros para cima, na direção de lá como voltando para Belo Horizonte, numa região assim de cerrado e ali eles estavam abarracados em cafuas que eles mesmos faziam, fizeram e esperando qualquer coisa né [*sic*], estavam ali desesperados sem saber o que fazer, mas estavam juntos, 14 famílias e eu fui, então, mas tinha, nós chegamos tarde e o oficial de justiça disse que só podia fazer a reintegração no dia seguinte e marcamos para 07h00min horas do dia seguinte. O Diocélio foi, havia a CEMIG tinha lá o canteiro de obras, o Diocélio com os agentes policias foram para lá e eu resolvi e fiquei hospedado com eles numa cafua lá com as 14 famílias e [*sic*], tem uma coisa muito interessante que até me comoveu, de madrugada eu recebo o, bate na porta, porta não, aquela negócio de cafofo e vem me falar que o Delegado Diocélio Cabral queria falar comigo e eles queriam saber se podiam deixar ele entrar para falar comigo e

verifiquei que eles haviam (trecho incompreensível) eu não tinha topado com nenhuma coisa desse tipo [*sic*], eles haviam formado uma guarda entre eles com o que eles dispunham que eram aquelas carabina de matar passarinho [*sic*], (trecho incompreensível), cano de guarda chuva (trecho incompreensível) e facas e haviam formado um grupo para me da cobertura e ficaram fazendo vigília a noite inteira, aí eu falei: “Não, pode entrar.” e tal, aí o Diocélio veio e falou comigo: “Doutor pelo amor de Deus, vai embora, não fica nesse bando (trecho incompreensível) tem metralhadora, tem em cima das árvores, tem gente, está tudo armado, vai ser uma chacina. Doutor desiste disso, por favor. O senhor tem família e eu também.”, eu virei para ele e falei assim: “Diocélio, Delegado Diocélio eu estou aqui para cumprir uma ordem do tribunal. O senhor foi designado a dar cobertura a esse ato, se o senhor não quiser cumprir a sua parte tudo bem, vai embora. Eu vou cumprir a minha.” e aí fomos para lá de manhã 07h00min e o pessoal como uma procissão, 14 famílias me seguindo ali na beira da estrada, me lembro até hoje, na estrada até o lugar de entrar lá para lá para a coisa e aí eu verifiquei o seguinte: os policiais, como é que a gente chama? Os investigadores né. Eles estavam com sacola cada um com um fuzil, três deles com submetralhadoras e com uma sacola com granadas, aí eu meu Deus do céu isso é guerra?

INTELOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Que guerra é essa?

ANTÔNIO: Aí entramos lá e tal, eles acompanharam, aí foi muito bom de certa maneira até frustrante porque não havia nada.

INTELOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3 : Resistência nenhuma né.

ANTÔNIO: Hein?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Resistência alguma.

ANTÔNIO: Nenhuma, nenhuma. Nós encontramos lá dentro um camponês com aqueles negocio que eles usa para semear milho.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Matraca.

ANTÔNIO: Que eles furam, abre assim e sai e vão fazendo um buraquinho e tal aí eu cheguei perto dele e falei: “O senhor está aqui por quê?”, “Não, porque o senhor Neném da Dédéca me deu autorização para eu plantar uma rocinha de milho aqui e tal.”, “Mas o senhor vai fazer o favor, não vai dar não porque tem 14 famílias que já estavam aqui e estão voltando por ordem judicial.”, ele não fez resistência, apenas eu me lembro que ele foi conversar com o Randolfo (trecho incompreensível) se ele podia depois ficar integrado. Bom, resumindo, o pessoal voltou, mas aí nos reunimos com os companheiros, com o Lins, com o Sacha, com o (trecho incompreensível), com o Beto, com o Guido Rocha e discutimos o seguinte: bom conseguimos colocar a turma aí, mas se nós formos embora e deixando esse pessoal aqui, amanhã ou depois eles vão tirar eles outra vez, nós vamos ter que estabelecer e induzi-los ou aconselha-los a fazer uma organização mínima que seja para que eles organicamente possam se defender em caso de nova expulsão e todo mundo concordou, concordou (trecho incompreensível). Mas como fazer? Nessa época...

INTELOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Essa ação, só um minuto. Essa ação de reintegração de posse foi no mesmo ano de1961?

ANTÔNIO: 61.

INTELOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mesmo ano que chegaram, ela foi rápida, a ação foi rápida?

ANTÔNIO: Eu não sei quanto tempo durou a ação no primeiro grau de medição porque eu não acompanhei, eu acompanhei depois da sentença para o tribunal aqui, eu recorri da sentença de expulsão deles para o tribunal e aí acompanhei a ação aqui.

INTELOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E esse período foi rápido, então eles foram integrados no mesmo ano de 61?

ANTÔNIO: Foi, foi.

INTELOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É só isso. Aham.

ANTÔNIO: Entre o meu pedido de recurso, o meu recurso e a decisão do tribunal não demorou mais do quê uns 4 ou 5 meses.

INTELOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah, ok.

ANTÔNIO: Bem, então como eu dizia, o problema era, todo mundo concordou que realmente era imprescindível que eles fossem organizados para que pudessem organicamente se defender, mas como? Repito. Nessa época não havia ainda a lei, já que veio depois com João Goulart permitindo a sindicalização rural porque a lei permitia a sindicalização dos trabalhadores do campo e dos trabalhadores rurais e não dos pequenos proprietários rurais que era o caso.

INTELOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Era só os assalariados rurais?

ANTÔNIO: Hein?

INTELOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Era só os assalariados rurais ?

ANTÔNIO: Só os assalariados. Aí o que nós fizemos? Apelamos para o Código Civil porque o Código Civil permitia a associação de qualquer, e fizemos e organizamos, fizemos os estatutos aprovamos os estatutos da associação dos pequenos agricultores de Três Marias, registramos no cartório estava tudo direitinho. Aí começou a funcionar e aí houve tropeços, etc. E logo no princípio nós sentimos uma carência enorme que para nós foi prioritário, é que havia cerca de 15 ou 16 crianças em idade escolar que para ir ao grupo que tinham que sair dali, do local e ir para uma povoação, na época era uma povoação hoje é um município grande chamado Três Marias à 6 quilômetros de distância e as crianças andavam ali pela estrada, então nós resolvemos que a prioridade seria fazer uma escola lá nesse lugar onde eles estava assentados, conversamos com eles e eles concordaram que isso era verdade.

INTELOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Com eles quem?

ANTÔNIO: (trecho incompreensível). As famílias, que eram verdade, se despuseram a fazer o local lá, a escola, digamos assim, a parte de construção da sala eles

fizeram uma sala e um cômodo que seria para o dormitório de uma possível professora que a gente podia arranjar para ir para lá e eles realmente fizeram e nós nos comprometemos ao resto, ou seja, mobiliar e arranjar a professora. No mobiliar nós ganhamos as madeiras para fazer as carteiras, o quadro negro né, o mínimo né, uma mesa para professora, etc. Ganhamos a madeira do então Consul de Portugal aqui que era uma pessoa mais ou menos de esquerda e tal, mas depois a gente ficou que ele tinha também ligação com a CIA. E o sindicato dos marceneiros que era presidito então pelo João Luzia, João Firmino Luzia se dispôs no sindicato a fazer, a dar a mão de obra e fizeram as carteiras, aquelas carteiras que usavam duas a três pessoas cada um e tinha uma parte de cima e uma parte de baixo para guardar coisas e o acento era conjugada com a carteira, mas quando ficaram prontos...

INTELOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: O senhor lembra do nome do Consul de Portugal?

ANTÔNIO: Não. (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: (trecho incompreensível).

ANTÔNIO: Como levar essas carteiras? Aí eu levei essas carteiras lá para casa que era na Gutierrez, botei para dentro da garagem, na minha garagem e até arranjar um jeito e aí apareceu um rapaz estudante de arquitetura [*sic*], esqueci o nome dele, e era inclusive sobrinho do Milton Campos tá? E ele disse: “Olha papai tem uma caminhonete e eu levo essa carteira para vocês.” e aí combinamos o dia e tal (trecho incompreensível) e ele não sabia como entregar, eu falei: “Olha, você não conhece lá o local, mas tem uma coisa, como estão construindo a represa Três Marias na beira da estrada”...